Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana

Denise Pimenta

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/606>

DOI: 10.4000/pontourbe.606

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Denise Pimenta, « Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/606> ; DOI : 10.4000/pontourbe.606

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana

Denise Pimenta

REFERENCES

Magnani, José Guilherme Cantor; *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 249p.

- 1 Em um período ímpar - momento em que o Núcleo de Antropologia Urbana completa um quarto de século e adquire o status de laboratório, José Guilherme Magnani (idealizador e coordenador do NAU) atinge um dos graus mais altos da carreira acadêmica com o título de professor titular e ainda o Graduação em Campo, realizado pelos membros do NAU se consolida como um evento acadêmico dedicado às pesquisas da graduação, com trabalhos enviados por graduandos das mais diversas universidades do país - é lançado no ano de 2012, o livro do professor de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (USP), *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. Ele é parte da tese de livre-docência de Magnani, que revisita trajetórias acadêmicas, conceitos e percursos de vários intelectuais no caminho da antropologia urbana.
- 2 Desta maneira, aponta-se para o fim do volume com o posfácio do professor e etnólogo Márcio Silva, pois nada mais é do que o próprio início da obra de Magnani, mesmo que em extremo oposto, mas de toda forma complementar. Diz Silva:
- 3 Os novos circuitos disciplinares, descortinados por este livro de José Guilherme, seriam, aliás, idênticos àqueles descritos pelo autor entre os Sateré-Mawé na Grande Manaus, pelo que circulam “coisas inalienáveis” como rezas, cantos, memórias linguísticas, sementes, tucandeiras e - eu lembraria também - casamentos “entre pessoas que estão em um estado de dependência recíproca” (Gregory 1982:19). Em suma, circuito de trocas e de dons entre tradições antropológicas de tal ou qual ilha. (pág. 332).

- 4 Esta fala de Márcio Silva é de fato apropriada ao texto de José Guilherme Magnani na medida em que este faz um trabalho de Ariadne dentro do labirinto, revelando linhagens intelectuais dentro da antropologia, mas que muitas das vezes se mostram como teias que se cruzam, trajetórias de mestres, pupilos, vertentes que se embrenham e que também se separam. Mas, ao contrário de Ariadne, Magnani não usa o fio do novelo apenas em um sentido, ele leva a linha a todos os lugares, ora embolando-as ora desvencilhando-as e a despeito da deusa, não mata o Minotauro para sair do labirinto, pelo contrário, o autor permanece no mesmo e chama mais gente a participar na medida em que acredita e mostra em suas pesquisas empíricas e teóricas (que jamais estão separadas) que o labirinto ainda é um lugar rico e cheio de possibilidades. Assim, como disse Silva, as tradições antropológicas são *de tal ou qual ilha*, e é justamente sobre isso que Magnani discorre na primeira parte do livro denominada: “Linhagens e das trajetórias”.
- 5 De fato que o espaço aqui encontra-se parco para descrever com qual habilidade estas são mostradas pelo autor, porém é necessário ao menos que se aponte as personagens intelectuais e suas trajetórias que ajudaram a consolidar a antropologia urbana no Brasil. O autor mostra que a despeito do que se pense a antropologia urbana não é ramo tardio do tronco da antropologia, mas que de fato sempre esteve atrelada à forte imagem de ter como objeto de estudo os povos primitivos. E para que tal fato “retrato” começasse a se modificar foi indispensável a referência – na década de 1930 – o papel dos chamados “etnógrafos de Chicago” (na verdade pertencentes à área sociológica da Escola de Chicago), que se utilizavam de estudos empíricos e até mesmo técnicas de observação participante. Em São Paulo, na mesma década de 1930, foi fundada a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) tendo seu foco de investigação em questões sociais e seus consequentes problemas. Vários dos grandes intelectuais frequentaram a ELSP, como por exemplo Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, David Maybury-Lewis, dentre inúmeros outros.
- 6 Em 1950, a ELSP começa a dividir sua importância na área de investigações e pesquisas em ciências sociais com a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), tendo o nome modificado depois para Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Esta fundada com o suporte da missão francesa que trouxe dentre muitos intelectuais de peso, para citar apenas alguns poucos: Lévi-Strauss, Roger Bastide e Fernand Braudel. Neste panorama, a cadeira de antropologia ainda era nomeada de forma específica: “cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani”. As diretrizes da cátedra reforçavam ainda mais o estudo da antropologia como sendo uma investigação destinada às comunidades de povos primitivos, os indígenas. Porém, nadasse estabeleceu desta forma tão rígida na medida em que ocorria um trânsito de interesses entre professores orientadores, alunos e temas. Ou seja, apesar do objeto de predileção e privilegiado do estudo antropológico da época ser a etnologia, havia encontros entre orientadores etnólogos e alunos que se interessavam por outras linhas de pesquisa e também professores como Roger Bastide que criou a linha de pesquisa sobre cultura e população negra.
- 7 Neste cenário que tentava reforçar a antropologia como um autêntico estudo de populações primitivas, no caso do Brasil: os indígenas. Tomam foco duas personagens importantes para a consolidação da antropologia urbana não só na Universidade de São Paulo, mas como campo de investigação em todo país, as duas jovens pesquisadoras Ruth Cardoso e Eunice Duham, que ousaram a empreender novas investigações na área da antropologia da USP, tarefa nada fácil na medida em que se encontravam à margem dos

ditos tradicionais estudos da antropologia clássica. Enveredaram-se para o estudo das migrações, do trabalho e do tempo livre, questões com alta discussão política e extremamente atual em vista do tempo que o povo vivia, processos ditatoriais e crescimento capitalista do país. Assim, estas pesquisadores com tino certo se debruçaram sobre o tema e trouxeram vários alunos interessados e orientandos para o novo empreendimento intelectual e discussões semanais sobre estes temas, o que José Guilherme Magnani chama de “as reuniões de segunda-feira”, algo inclusive extremamente parecido com o que se dá hoje nas reuniões do NAU, e, não poderia ser o contrário na medida em que quem gestou este núcleo, hoje laboratório, foi “filho das reuniões de segunda-feira”.

- 8 E foi assim que aquelas jovens pesquisadoras – hoje nomes renomados da antropologia – colocaram seus alunos para fazerem pesquisas de campo em vários lugares (pesquisa multisituada) e para experienciar o campo. Pois, parece que esta é mesmo a regra desta linhagem que surgia e que tomou como herdeiro Magnani: experimentar. Levar a sério o campo e ouvir o que este fala ao pesquisador ao invés de se ficar preso a cómodas hipóteses e respostas já de antemão dadas. Assim, orientandos destas jovens pesquisadoras vão às periferias estudar as questões que envolviam o trabalho e o tempo livre, dentre eles, o doutorando José Guilherme Magnani com o tema que a princípio dava foco ao circo-teatro nas zonas periféricas, mas que como próprio herdeiro da tradição do campo, deixou que este falasse e se mostrasse, assim sua pesquisa cresceu e ampliou-se para além do tema inicial, ficando por fim com o nome de: *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*, de 1984. Vale frisar também que no livro que se resenha do autor há um vasto material coletado de trabalhos científicos de orientandos de Ruth Cardoso e Eunice Duhrum como também de seus próprios orientandos, pois como Magnani passa a ideia durante todo o livro, o NAU é feito destas pesquisas dele, para além dele e sempre – de alguma maneira – teoricamente e com trabalhos de campo coletivos. Assim, o autor faz um generoso compilado de trabalhos que muito servem à história da intelectualidade e da antropologia, não só urbana claro, mas também a ela.
- 9 Agora, abrevia-se aqui uma leitura da segunda parte do livro denominada “Três Pesquisas” para ao final voltar-se a ela com mais fôlego, verve e colocando pontos instigantes para a reflexão. Então, falar-se-á da terceira e última parte do livro, nomeada: “Etnografia urbana”. Aí, Magnani fala de tudo o que mais acredita como sendo a feitura de uma boa etnografia, como a obsessão pelos menores detalhes, pela descrição minuciosa do campo, reafirmando sempre a importância deste numa investigação. Amplia também a discussão que existe na antropologia urbana: antropologia da cidade ou na cidade? O autor aponta que tende a acreditar que a primeira variável seja a mais indicada na medida dos trabalhos científicos que pululam, porém não acha que são irredutíveis e não comunicáveis as posições. Pois como ele mesmo diz os ângulos da pesquisa podem variar e assim também os olhares.
- 10 Apesar da suposta incompatibilidade contida nessa dicotomia, é possível, contudo, pensá-la não em termos excludentes, mas complementares. Penso que a Antropologia na cidade, com sua multiplicidade de recortes empíricos, pode caminhar na direção de ou contribuir para uma nova e instigante perspectiva da cidade, na medida em que se proponha a construir modelos mais gerais. (Pág. 311)
- 11 E é este autor que consegue perceber o campo, experimentar em campo e na etnografia que é visto por muitos (inclusive jornalistas) como o antropólogo da cidade de São Paulo. Dizer-se-á aqui que este Magnani é um antropólogo da cidade que se encantou pela

cidade que espantava com sua alucinante subida de prédios o autor de *Tristes Trópicos*, Claude Lévi-Strauss. Além de ser, Magnani, um antropólogo-viajante-desbravador de todas as outras cidades destes trópicos.

- 12 Depois desta breve passagem pelos trópicos de Lévi-Strauss e José Guilherme Magnani, volta-se à segunda parte do livro: “Três pesquisas”. É nesta parte que o autor desenvolve o processo de como chegou à sua família de categorias tão conhecidas: pedaço, mancha e circuito (que tem como embrião a noção de trajeto). Passando pela empiria, trabalhos de campos e densas reflexões teóricas, Magnani captou que as categorias - com algumas questões de diferenças de proporções, personagens e formas de relacionar-se - podiam transitar da periferia e serviam muito bem como categorias para se entender os movimentos e as dinâmicas do centro. As três pesquisas que o permitiram perceber que a transição e a transposição era passível de ser realizada são: “Neoesoterismo na metrópole”, “Circuitos de Jovens”, “Mundo dos Surdos”. Ressaltando que todas estas pesquisas sempre com participantes animados e instigados em relação a tais etnografias (alunos e orientandos).
- 13 Por fim, diante da monumental e sempre coletiva obra do professor José Guilherme Magnani, cabe aqui colocar e problematizar algumas questões. Pois aqui se intenta a produção de resenha acadêmica crítica e não apenas um fichamento de leitura. Assim, nos termos da ideia do autor Tim Ingold, que propôs seminários, entre os anos de 1988 a 1993, com presenças de vários pesquisadores para colocar em questão categorias, problematizando algumas delas com perguntas: seriam ainda praticáveis ou já teriam se tornado obsoletas? Pensando a partir deste tipo de proposta e a partir do longo caminho percorrido por José Guilherme Magnani, as categorias desenvolvidas por ele - pedaço, mancha e circuito - ainda teriam efetividade e renderiam para a produção em antropologia urbana ainda hoje? Mesmo com uma disciplina mais dilata e cidades ainda mais complexas? Bem, se uma verdade tem que ser dita é que o autor quando questionado não foge à questão.
- 14 Aqui, se entende-se de forma veemente que as categorias não estão obsoletas, pelo contrário, têm ressurgido em pesquisas e sido repensadas e usadas por diversos pesquisadores em investigações atuais. Assim, as categorias são aplicáveis, rendem muitos frutos e estão sendo apropriadas por outrem das mais vastas formas. E se existe um intelectual que anda atualmente pensando e refletindo de forma coletiva suas próprias categorias é este, até mesmo por sua preocupação com a experimentação e principalmente a experimentação na docência. E para terminar como se começou, falando das ilhas, crê-se aqui que elas não estejam tão distantes assim, pelo menos estão no mesmo oceano. E é nesta fase da antropologia urbana que Magnani constrói com seu trabalho e de seus orientandos o trajeto que mostra que as ilhas se conversam e se comunicam e nada mais próprio para demonstrar isso do que a experiência, o experimento feito pelo Grupo de Etnologia Urbana (GEU) do NAU, pensando os índios urbanos. Mas aí já são reflexões pra outras “segundas-feiras”.

AUTHORS

DENISE PIMENTA

Mestre em Antropologia Social PPGAS-USP

pimentacampo@gmail.com / pimenta@usp.br